



MARIANA CAMPOS  
mari.vivabrasilia@gmail.com

Viva Brasília



MIGUEL JABOUR  
miguel.vivabrasilia@gmail.com



Kiko Caputo, Rose Moraes e Rodrigo Badaró



A primeira formação da feirinha



Leonardo e Daniela Simões, Ricardo Vieira, Renata Monnerat, Marianna Ramalho e Marcos Atayde



Mariane Vicentine e Jaqueline Mesquita



Rodrigo Stevanato e Júlia Lucy

## Um lugar para compartilhar

Criada no fim da pandemia como resposta direta ao vazio deixado pelo lockdown, a Feira da Praça 13 transformou desafio em recomeço e hoje é sinônimo de encontro aos sábados no Lago Sul. O que começou de forma reduzida, com apenas 13 expositores reunidos, ganhou corpo e propósito, tornando-se uma feira de alimentos com curadoria atenta à qualidade, aos sabores autênticos e às boas ideias criadas na cidade. Realizada todos os sábados, das 9h às 14h, na Praça do Tenista, a feira reúne atualmente 33 produtores e expositores, muitos com produtos únicos, além de convidados especiais a cada edição. É sua vocação: mais do que um ponto de compras, ser um espaço de convivência, troca e pertencimento.



Expositores da Feirinha da QI 13



Wellington Marques, Tiago Correia e Brux

## Farra para os foliões

A área externa do Brasília Shopping, em frente à W3, reuniu famílias e foliões para uma tarde dedicada a um carnaval leve, inclusivo e divertido no último domingo. Com programação gratuita ao longo do dia, o Abre-Alas Brasília Shopping apostou em atividades pensadas para todas as idades, começando pela Folia Inclusiva, voltada a crianças e adolescentes com deficiência. Em seguida, foi a vez da Banda de Percussão Patubatê, que promoveu um cortejo lúdico e interativo a partir de sons criados com objetos do cotidiano. Encerrando a programação, o Bloco Eduardo e Mônica transformou clássicos do rock brasileiro com um ritmo carnavalesco.



Érica Ceolin

### Agenda

#### No mundo de Tarsila do Amaral

» O Centro Cultural TCU recebe, pela primeira vez na capital, a exposição *Transbordar o mundo: os olhares de Tarsila do Amaral*, que reúne mais de 60 obras de uma das figuras centrais do modernismo brasileiro. Com curadoria de Karina Santiago, Rachel Vallego e Renata Rocco, a mostra apresenta trabalhos emblemáticos da artista, como *Operários*, e propõe um percurso que atravessa diferentes fases de sua produção. Um dos destaques é a sala imersiva inédita, com projeções de obras icônicas como *Abaporu*, *A Cuca* e *Antropofagia*. Em cartaz até 10 de maio. Entrada gratuita.

#### Feijoada com samba

» A Feijoada com Samba, do Clube do Choro, entra no ritmo do Carnaval com edição especial hoje, reunindo música ao vivo, gastronomia e público de todas as idades na área externa do Complexo Cultural do Choro. Comandada pelo grupo Samba da Tia Zélia, a programação mantém a proposta de ocupar o espaço com samba, buffet completo de feijoada e estrutura pensada para famílias. Mais informações em [clubedochoro.com.br](http://clubedochoro.com.br).

#### Dose dupla de Carnaval

» A Hop Capital Beer também entra no clima de folia com uma programação especial em dose dupla hoje e na segunda-feira, combinando feijoada, música ao vivo e atrações para toda a família. Ao longo do dia, haverá buffet de feijoada no almoço, DJs e bandas de samba, pop rock, rock nacional e rock internacional.

Confira mais fotos e eventos no blog Viva Brasília. Acesse: [newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia](http://newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia)

## » Podcast do Correio | RAFAEL REIS | SETOR CARNAVALESCO SUL

O Setor Carnavalesco Sul ressignifica, por meio da festa, as dinâmicas de preconceito contra populações vulneráveis e estigmas quanto à região central da capital, além de potencializar a cadeia produtiva do carnaval

# Inclusão social e muita folia

» ARTUR MALDANER\*

Palco de mais de 30 blocos de rua durante o carnaval de Brasília, o Setor Carnavalesco Sul chega a mais uma edição de ocupação da região central de Brasília. É nesse clima de folia que o *Podcast do Correio* recebeu Rafael Reis, coordenador da iniciativa, que veste o abadá da festa e defende a importância dela para a ressignificação do Setor Comercial Sul (SCS) — região que, segundo o entrevistado, é estigmatizada mas “possui muita vida”.

O Setor Carnavalesco Sul vai de hoje a terça-feira, das 10h às 22h, e funciona como um grande palco para iniciativas diversas de carnaval. Segundo Rafael, o objetivo é criar um ambiente amplo, em que os foliões possam transitar de forma livre nos dois palcos de apresentação, que ocupam a área do SCS. “Nossa temática este ano é ‘Latina demais para ser minimalista’”, e a ideia é que a gente promova um encontro das manifestações diversas que temos em nosso

país”, disse o organizador aos jornalistas Mila Ferreira e José Carlos Vieira. O evento será equipado com pontos de hidratação da Caesb, a tenda “Conta Comigo”, para acolhimento de vítimas de eventuais assédios, e a tenda “Redução de Danos”, uma iniciativa do coletivo Tulipas do Cerrado, que distribuirá água potável e comida para o tratamento daqueles que exagerarem no consumo de álcool. “Para fazer uma festa linda, é preciso que a gente cuide de si e do próximo”, defende Rafael.

De acordo com o entrevistado, o principal objetivo do Setor Carnavalesco Sul é criar uma estrutura instalada durante toda a festividade, para economizar recursos e possibilitar a realização de blocos e festas sem apoio. Apesar da natureza aberta, a iniciativa em si possui o apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, e opera como uma rede de segurança para os blocos da região central de Brasília, que em alguns anos são apoiados e em outros não.

### Ambiente plural

“O carnaval de Brasília é um caos organizado”, define Rafael, que trabalha com a manifestação tanto como organizador quanto como pesquisador. Ele atesta que a diversidade se manifesta em diferentes gêneros musicais — que vão de axé, samba frevo e até rock —, manifestações culturais, como o movimento de fanfarras, e em espaços de liberdade para comunidades vulneráveis.

A população transexual, por exemplo, encontrou refúgio em um novo bloco que estreará no Setor Carnavalesco Sul, chamado Trava no Glitter. Segundo o organizador, a missão é criar um ambiente de diversidade, mas também ressignificar a presença das pessoas trans na festa. “É importante para a cidade entender no carnaval que a transexualidade não é uma fantasia. Não devemos aceitar nenhum tipo de postura intolerante”, afirma o entrevistado.

Também trazendo empoderamento por meio da cultura, o bloco Boca de Rango será um momento

CB/D.A Press



### Serviço

**Setor Carnavalesco Sul**  
**Dos dias 14 a 17 de fevereiro,**  
**no Setor Comercial Sul.**  
**Entrada gratuita.**

de manifestação da população em situação de rua. A festa foi arquitetada com representantes das comunidades sem-teto, e dialoga com a vida que reside no SCS, promovendo um momento de liberdade de expressão. “O carnaval aparece como um momento de descanso de um cotidiano de desumanização”, diz Rafael.

Junto com o lazer dessas pessoas em situação de rua, o evento surge também como uma oportunidade de empregabilidade, formação e qualificação para o mercado de trabalho. O Laboratório de

Design Circular e Reciclagem Criativa, em parceria com a Precious Plastic Brasil, une a geração de renda com a reciclagem do lixo produzido durante o carnaval.

### Potência de renovação

Com a perspectiva de gerar mais de mil empregos, o feriado de carnaval aparece como uma oportunidade de girar a economia do SCS, com o funcionamento de bares e restaurantes com programações próprias. Rafael explica que o Setor Comercial, localizado na região central de Brasília, passou por uma desocupação alarmante que chegou a 70% na época da pandemia, e agora trabalha para que “voltem a acreditar no espaço”.

O entrevistado também atua no âmbito do projeto No Setor, que almeja a revitalização da região pela promoção de ações culturais e

de economia criativa, superando os preconceitos da população em relação ao local. “Porque não podemos apostar no SCS? Por que o centro de São Paulo, ou a Lapa no Rio de Janeiro, por exemplo, têm os mesmos desafios do setor, mas ainda abrigam uma vida noturna movimentada”, diz Rafael.

Quanto aos problemas de insegurança enfrentados no setor, o especialista defende que podem ser atrelados aos estigmas enfrentados. “Uma vez um coronel da PM me disse algo interessante, que os índices de violência do SCS não se diferem das outras quadras do Plano Piloto. Então, a sensação de insegurança vêm muito mais da dinâmica do preconceito, pela alta concentração de pessoas em vulnerabilidade”, defende.

**\*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira**